

QUINTA DA ESPERANÇA

ALICERÇADOS NO PASSADO, TRABALHAR NO PRESENTE, APONTAR O FUTURO

Antes da década de 1940: a Quinta

A presença dos jesuítas em Cernache começou muito antes da sua chegada efectiva aos terrenos que nos são, hoje, tão familiares. Na Consulta da Província de 16 de Maio de 1942, fala-se da possibilidade de comprar uma quinta para o futuro Noviciado. O Padre Geral Jean-Baptiste Janssens aprovava a ideia de comprar uma quinta para o futuro Noviciado e o Assistente escrevia ao Padre Provincial Júlio Marinho a dar ânimo ao projecto. Pôs-se à consideração dos Consultores três quintas à venda, não muito longe umas das outras, na região centro: Quinta da Machada (com falta de água), uma outra em Cernache (muito grande e com água) e a terceira em Condeixa (muito boa e bem cultivada e com um lagar de azeite). Inclinarão-se para Cernache pela facilidade de construir e a quantidade de madeira que possuía que, por si só, valia o preço. Haveria, também, ajudas para a comprar.

A Quinta fora estabelecida no século XIX por João Maria Colaço de Magalhães Velasques Sarmento, Visconde de Condeixa, que, após acumular riqueza no comércio com o Brasil, adquiriu terrenos em Cernache. Fora concebida com um ideal romântico, refletido em elementos como: o torreão de estilo neo-gótico à entrada; a Casa das Palmeiras, de inspiração francesa, originalmente residência do jardineiro; uma casa senhorial com as suas cavalariças e anexos; um parque com árvores exóticas, gruta, uma queda de água ladeada por esfinges e lagos com uma ilha. Estes elementos conferiam à propriedade um ambiente bucólico e aristocrático, típico das quintas senhoriais do século XIX.

O Diário da Escola Apostólica de Macieira de Cambra noticia, no dia 18 de Julho de 1942, a compra de uma quinta para Noviciado, em Cernache dos Alhos, a 8 km de Coimbra. Era uma quinta que tinha entrado em decadência no início do século XX, agravada por mortes precoces na família proprietária e pela ausência de herdeiros diretos.

Em 18 de Agosto de 1942, o Padre Provincial escrevia uma carta ao Superior da Missão da Zambézia, P. José Bernardo Gonçalves, a informá-lo que a parte do subsídio estatal à Companhia, por ser Corporação Missionária, fora destinada inteiramente à amortização de um empréstimo para a compra duma quinta para instalação do Noviciado. Aí se pensava construir o edifício quando a guerra acabasse¹.

Finalmente, a escritura da compra da quinta foi lavrada a 30 de Setembro de 1942². Foi comprada a D. José Manuel Braamcamp de Barahona Fragoso, 3.º Conde

¹ Cf. APSI 323/05, carta do Provincial, P. Júlio Marinho, ao P. Bernardo Gonçalves.

² Cf. APSI 246/05.

da Esperança, casado (1914) com D. Maria Thereza Caldeira Ottoloni de Barahona Fragoso. A quinta dos Condes da Esperança, assim conhecida graças ao título dos seus proprietários, constava de casas de habitação, suas dependências, jardim, pomares, mata e tudo o mais que constava na descrição.

1942-1954: um novo Noviciado?

A tomada de posse da Quinta deu-se a 6 de Outubro de 1942, estando presentes o P. Marinho, Provincial, o P. Cardoso, procurador da Província e outros jesuítas. Poucos dias depois, no dia 10, foi inaugurada a Estação de Cernache. Começou-se a instalação das coisas mais essenciais, assim como a substituição de vidros partidos, a reparação da instalação eléctrica e outras recuperações essenciais para ali se viver.

Logo desde que chegaram, os jesuítas tiveram muito boas relações com o Prior de Cernache, P. Joaquim Nogueira Roque, que muito os ajudou. As Irmãs Doroteias prestaram uma preciosa ajuda no aconchego da casa e ofereceram cortinas e alfaias sagradas para a capela. Em Maio do ano seguinte (1943), começaram as observações técnicas para a edificação de uma casa.

Em 1944, já se trabalhava activamente na planta do novo Noviciado, embora com recursos magros para os tempos que corriam. Parecia tudo correr de feição, pois a quinta recebera a visita do P. Severiano Ascona, Assistente de Espanha, acompanhado do P. Basterra. Na consulta de Julho de 1944, transparece um grande optimismo ao ler-se que havia motivos para que se comesse quanto antes as obras e deliberou-se sobre o modo como fazê-las: por conta própria ou através de um empreiteiro? Decidiram que fosse entregue a um construtor. Seria uma casa para noviços e juniores e pensavam fazer cubículos e camaratas. Apesar de todas estas decisões, na consulta de Setembro, optou-se por adiar as obras de Cernache, devido às muitas dificuldades financeiras. Finalmente, foi tomada a decisão de se construir um pavilhão em Cernache, mas já não com o fim de ali estabelecer o Noviciado. No diário da Estação de Cernache consta a chegada, no dia 17 de Março de 1953, dos Padres Cardoso e Abel Guerra, acompanhados por um arquitecto e um topógrafo para fazerem o estudo do terreno em ordem à elaboração de uma planta para uma casa a construir ali. O topógrafo permaneceu na quinta com o P. Guerra cerca de quatro dias. O Padre Provincial dizia ao P. Gonçalves, em 24 de Dezembro de 1953, que o projecto da obra a construir em Cernache, o Seminário Apostólico, feito pelo Ministério do Ultramar, estava quase pronto.

1954-2019: as várias formas do CAIC

No dia 21 de Setembro de 1954, um empreiteiro, um arquitecto, um engenheiro, juntamente com o P. Guerra, marcaram definitivamente o local onde viria a ser construída a casa. A primeira pedra foi benzida e colocada pelo Reverendíssimo Senhor D. Ernesto Sena de Oliveira, Bispo de Coimbra, no dia 15 de Dezembro de 1954, estando presentes D. João de Deus Ramalho, SJ, bispo emérito de Macau, e

D. Manuel de Jesus Pereira, sendo Provincial o P. José Craveiro³. Foi-lhe dado o nome de Colégio da Imaculada Conceição por se viver, na ocasião, o centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição no intuito de, sob tal patrocínio, se fomentar mais as vocações religiosas. No dia 22 de Agosto de 1955, foi lida a patente de Vice-Reitor do Colégio ao P. Isidro Pereira, que foi elevado a Reitor, no dia 8 de Dezembro do ano seguinte.

Entre 24 e 25 de Outubro de 1955, chegaram os primeiros 54 alunos. O programa escolar era o liceal acrescido do latim. À sua chegada, havia ainda obras em curso, que só terminaram em Maio do ano seguinte. Não faltaram as críticas de alguns saudosistas ao novo sistema de Escola Apostólica. O sistema fazia parte de um discernimento para acertar no melhor caminho para o futuro. O próprio Padre Geral o aprovava e incentivava. E o P. José Vaz de Carvalho escrevia simpaticamente na revista “Jesuítas” sobre o Colégio, evidenciando como apresentava a singular modalidade de ser ao mesmo tempo Colégio e Escola Apostólica. Era Colégio pelo reconhecimento oficial dos estudos com exames feitos no Liceu e era Seminário enquanto os seus alunos se destinavam à vida religiosa na Companhia de Jesus. No final do ano escolar de 1958, fechou a Escola Apostólica de Macieira de Cambra e os alunos que passaram para o 5º ano foram estudar para o Colégio de Cernache, que ficou sobrelotado. No ano escolar de 1959-60, os dos 4º e 5º anos do CAIC foram para o INA para não multiplicar os professores que já existiam e bons, em dois Colégios. Também se mantinha a intenção de formar aqueles que se destinavam à Companhia no ambiente mais aberto de um Colégio já existente, dando assim cumprimento à orientação do P. Geral. Decidiu-se pelo INA, mas também se tinha colocado a hipótese do Colégio de S. João de Brito, em Lisboa.

Assim, vários alunos foram transferidos para o Colégio das Caldinhas, onde viam “os de Cernache” com preconceito. Felizmente, o ambiente de abertura, responsabilidade e à vontade dos formadores jesuítas de Cernache permitiu aos “apostólicos de Cernache” competir com os alunos das Caldinhas, tanto nas aulas, como nos recreios e jogos. Acabou por se desistir da Escola Apostólica e o Colégio de Cernache passou a funcionar como Escola da região subsidiada pelo Estado. E foi assim que, pouco a pouco, se foi ampliando o Colégio. Em 1969, começou a lecionar os 4.º e 5.º anos do Liceu e em 1976 passou a admitir raparigas, tornando-se uma instituição de ensino misto. Até 2017, foi aumentando os seus edifícios e modernizando as suas infraestruturas, respondendo às novidades pedagógicas de cada tempo.

Durante quase oito décadas, o CAIC recebeu milhares de alunos e alunas de forma gratuita, graças a um contrato de associação com o Estado português, que sempre reconheceu a necessidade e a excelência do ensino no Colégio. Em 2017, sem aviso prévio, o Governo extinguiu o contrato de associação que tinha com a Companhia de Jesus. Os jesuítas mantiveram o Colégio em funcionamento com

³ Cf. Documento assinado na bênção da 1ª pedra, APSI 246/11. Ver anexo 1.

fundos próprios durante mais dois anos lectivos. Mas a realidade sócio-económica das famílias e da região fizeram com que o CAIC não resistisse e acabasse por encerrar em 2019⁴.

1954-2019: as outras casas

Paralelamente aos trabalhos do Colégio, em 1959, a Casa de S. José, casa original da Quinta, começou a receber pessoas para fazer retiros. O primeiro grupo era constituído por 35 alunas do Lar Universitário das Doroteias de Coimbra⁵. Depois de mais de 45 anos a funcionar como casa de retiros e Exercícios Espirituais, em 2007, a Casa de São José foi cedida ao Noviciado para permanência temporária, enquanto se realizavam as obras na Casa do Loreto.

A Casa das Palmeiras foi transformada em albergue para peregrinos e para acolher actividades dos Alunos dos Colégios dos Jesuítas em Portugal.

Em 1984, a Comunidade Jesuíta mudou-se das instalações do Colégio para a Casa Santo Afonso, que recebeu este nome em 2015, no dia 6 de setembro, dia da canonização de Santo Afonso Rodrigues, irmão jesuíta porteiro durante mais de quarenta anos no Colégio de Palma de Maiorca. Foi escolhido este nome não só por A CASA ter muitas portas de entrada (que recordam o Santo porteiro), mas também por se tratar de um Irmão que viveu a sua vida de modo simples e entregue. Assim se recorda a todos os que por lá passam que a Companhia de Jesus é uma ordem de Padres e Irmãos, que marcaram e marcam de forma indelével a história da Igreja e da humanidade.

2019-2023: o pousio para ver crescer

Com o encerramento do CAIC, a comunidade jesuíta mudou-se para a Quinta do Loreto. A gestão da quinta e dos edifícios do antigo colégio ficou a cargo da Administração Provincial, que contratou três colaboradores do CAIC para permanecer na quinta, ajudando à gestão, manutenção e secretariado.

Logo em 2015, com a união das duas comunidades existentes numa só – comunidade do Noviciado e comunidade dos jesuítas que trabalhavam no CAIC – a CASA ficou sob a gestão do Coordenador da Pastoral Juvenil e Promotor Vocacional, que a foi adaptando para Exercícios e retiros para jovens. Aliás, foi neste período que recebeu o seu nome actual. Vários espaços da quinta foram cedidos para actividades regulares, enquanto outros iam sendo usados para encontros pontuais.

Esta situação levantou a questão do destino da propriedade, que o Padre Provincial Miguel Almeida levou a sério.

⁴ Cf. Carta do Provincial, P. José Frazão, à Província, sobre o encerramento do CAIC, APSI 247/27.

⁵ Cf. Diário do Colégio de Cernache 1955-60, APSI 246/23. O retiro decorreu de 28 de novembro à noite a um de dezembro, mas já antes, no dia 25, as Irmãs tinham ido visitar a casa de retiros.

27 de setembro de 2023 e o futuro

Enquanto o Colégio crescia, o nome “Quinta dos Condes da Esperança” foi caindo em desuso e CAIC tornou-se uma referência na região, passando a ser esse o nome por que a quinta ficou conhecida até aos dias de hoje. Sendo um lugar onde se encontram a História e o futuro, os jesuítas perguntaram-se como poderia a Quinta responder aos novos tempos e necessidades. Assim, a 27 de setembro de 2023, uma nova comunidade voltou a habitar a Quinta. Três padres jesuítas e uma jovem família foram enviados pelo Padre Provincial Miguel Almeida, regresso que foi visto por muitos como um novo sinal de esperança para a região⁶.

Tal como em 1954 os jesuítas escolheram chamar a este espaço Colégio da Imaculada Conceição, em 2025 escolheram voltar a chamar-lhe Quinta da Esperança. Inspirados pelo ano jubilar da Esperança proclamado pelo Papa Francisco, a Quinta tem uma nova missão: a de ser lugar de oração e procura de sentido, dedicando-se privilegiadamente à pastoral juvenil e vocacional dos Jesuítas em Portugal. Um lugar de encontro e de escuta atenta, afastado do ritmo acelerado dos centros urbanos e das redes sociais, mas aberta a quem neles habita. Um lugar lento e de silêncio, ao ritmo do espanto pela natureza e as suas estações, permitindo a contemplação de quem procura Deus e sentido para voltar à acção do dia-a-dia. Um lugar de encontros, qual casa aberta às conversas e reflexão sobre a actualidade, com vista à formação da consciência e ao alargar de horizontes. Um lugar-santuário inspirado nas típicas casas de campo dos Jesuítas, onde o tempo se dilata e se demora, recordando esses momentos semanais em que os companheiros de Jesus deixam a rotina dos estudos e do trabalho e, mais perto da natureza, passam o dia em oração e descanso, partilhando a vida e renovando o impulso e fervor para voltar ao serviço e ao anúncio do Cristo pobre e humilde.

A Quinta da Esperança ressurgiu alicerçada em tão grande legado. Entre setembro de 2023 e dezembro de 2024, a Quinta da Esperança recebeu quase 200 actividades, 24 turnos de Exercícios Espirituais para jovens, perto de 10.000 pessoas, das quais pouco mais de 8.000 com menos de 35 anos. A comunidade recebeu mais de 200 visitas, entre jovens, religiosas, sacerdotes e famílias que vieram rezar, descansar ou simplesmente conhecer este novo estilo comunitário. Dois anos depois, em setembro de 2025, contavam-se ter passado pela Quinta quase 18.000 pessoas distribuídas por mais de 300 actividades realizadas; 93% destas actividades destinadas a jovens abaixo dos 35 anos.

A Casa de São José e a Casa Santo Afonso mantêm-se como casas para retiros e actividades. A Casa das Palmeiras é, agora, uma Residência Artística, onde jovens artistas emergentes podem pensar e produzir arte num estilo de vida comunitário e simples. Na ala poente do edifício do Colégio, nasceu o Albergue Santo Inácio com capela, salas e camaratas. A biblioteca é uma sala de conferências. Na Casa da

⁶ Carta do Provincial, P. Miguel Almeida, de 16 de junho de 2023, sobre os “Novos destinos”, APSI 136/05. Ver a nota “PAJUV/PROVOCA” que refere a missão desta “equipa” a viver em Cernache.

Música instalou-se um estúdio para produção musical. E o auditório, anfiteatro, salão de teatro, pavilhão e refeitório são agora usados para encontros, reuniões, conferências e congressos. Além disso, vários espaços estão cedidos a instituições que aí desenvolvem os seus trabalhos.

Ao procurar uma nova imagem para a Quinta da Esperança, destacamos três elementos essenciais, que evocam a esperança que desejamos marcar a vida de quem cá chega: a **cruz**, sinal explícito de Cristo, em quem a Quinta encontra o sentido da sua missão; a **folha verde escura**, sinal da perenidade do passado sobre o qual se continua a construir a história deste espaço; a **folha verde clara**, novíssimo rebento que nos abre às possibilidades que o futuro traz. Que agora se chame Quinta da Esperança não esquece a Imaculada Conceição, nossa Mãe. Aliás, é Ela a testemunha mais elevada da esperança, como nos diz o Papa Francisco.

Assim, alicerçados na história já construída e de olhos postos no futuro, que quem passa por esta Quinta possa “transbordar de esperança para testemunhar de modo credível e atraente a fé e o amor que trazemos no coração; para que a fé seja jubilosa, a caridade entusiasta; para que cada um seja capaz de oferecer ao menos um sorriso, um gesto de amizade, um olhar fraterno, uma escuta sincera, um serviço gratuito, sabendo que, no Espírito de Jesus, isso pode tornar-se uma semente fecunda de esperança para quem o recebe”⁷.

Escrito pela Equipa da Quinta da Esperança
com recurso a textos de António Franco, Marco Cruz,
Duarte Rosado, SJ, e Pedro Rocha Mendes, SJ
Revisão e correção histórica e fontes por P. Francisco Correia, SJ

⁷ *Spes non Confundit*, Papa Francisco (2025).

ANEXO 1





APSI 246/44

Huius Conlegii/ Quod in Honorem B.M.V. sine Labe Conceptae/
Centesimo vix Expleto Anno/ Ab Insignis Huius Privilegii Defini-
tione/ Provincia Lusitana Societatis Iesu/ Ad Religiosas Vocati-
ones Povendas/ Dicatum Voluit/ Lapidem Hunc Primarium/ Benedixit
ac Imposuit/ Exmus.et Revmus.D.D.Ernestus Sena de Oliveira/ Archi-
episcopus-Episcopus Conimbricensis/ Cui Adstabant Amplissimi Prae-
sules/ D.D.Ioannes de Deo Ramalho e S.I./ Episc.Tit. Philadelphiae
in Lidia/ Et D.D.Emmanuel a Iesu Pereira/ Episc.Tit. Praenetien-
sis/ Cum Hodierno Provinciae Lusitanae Praeposito/ R.P.Iosepho Cra-
veiro da Silva/ Et Insigni Omnis Conditionis Civium Corona/ Summo
Pontifice Pio XII/ Feliciter Regnante/ Et Revm^o P.Ioanne Baptista
Janssens/ Soc.^o Iesu Praeposito Generali/ Die XV Decembris/ Anno
Domini MCMLIV.

Quod Inceptum/ Favente Immaculata Regina Mundi/ Faxit Deus/ ~~Wxx~~
Ut In Maiorem Dei Gloriam/ Animarum Aemolumentum/ Et Patriae Decus
/ Bene Vertat.

In Quorum Fidem hoc exscriptum documentum subsignavere:

Deste Colégio/ Que em Honra da Bem-aventurada Virgem concebida
sem Mancha/ ~~Apenas~~ ⁴⁸ ~~apenas~~ o Centésimo Ano/ Desde a Definição Des-
te Insigne Privilegio/ A Provincia Portuguesa da Companhia de Je-
sus/ Para Fomentar Vocações Religiosas/ Quis Dedicado/ Esta Pri-
meira Pedra/ Benzeu-a e Colocou-a/o Exm^o e Revm^o Sr.D.Ernesto Se-
na de Oliveira/ Arcebispo-Bispo de Coimbra/ A Quem Acompanhavam
Os Illustrísimos Prelados/ Sr.D.João de Deus Ramalho da Companhia
de Jesus/ Bispo Titular de Filadélfia em Lídia/ e Sr.D.Manuel de
Jesus Pereira/ Bispo Titular de Preneto/ Com o Actual Provincial
da Provincia Portuguesa/ R.P.José Craveiro da Silva/ e Uma Insigne
Coroa de Cidadãos de Todas as Condições/ Reinando Felizmente/ O Su-
mo Pontífice Pio XII/ e Sendo Prepósito Geral da Companhia de Je-
sus/ O Revm^o P.João Baptista Janssens/ Dia 15 de Dezembro/ No Ano
do Senhor 1954/

Esta Obra/ Com o Favor da Imaculada Rainha do Mundo/ Permita
Deus/ Que Venha a ser/ Para a Maior Glória de Deus/ Auxílio das
Almas/ e Honra da Pátria/

Em Testemunho disto assinaram este Documento Escrito: